



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 3

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
CAPÍTULO 2	10
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
CAPÍTULO 3	23
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
CAPÍTULO 4	35
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolará	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
CAPÍTULO 5	47
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
CAPÍTULO 6	61
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
CAPÍTULO 7	74
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
CAPÍTULO 8	85
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

CAPÍTULO 9	95
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0551909109	
CAPÍTULO 10	102
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
DOI 10.22533/at.ed.05519091010	
CAPÍTULO 11	110
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091011	
CAPÍTULO 12	120
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05519091012	
CAPÍTULO 13	134
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.05519091013	
CAPÍTULO 14	145
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091014	
CAPÍTULO 15	157
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.05519091015	
CAPÍTULO 16	165
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ” CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ”	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.05519091016	

CAPÍTULO 17	181
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
DOI 10.22533/at.ed.05519091017	
CAPÍTULO 18	190
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05519091018	
CAPÍTULO 19	200
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.05519091019	
CAPÍTULO 20	210
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.05519091020	
CAPÍTULO 21	220
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
DOI 10.22533/at.ed.05519091021	
CAPÍTULO 22	231
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05519091022	
CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05519091023	
CAPÍTULO 24	249
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
DOI 10.22533/at.ed.05519091024	

CAPÍTULO 25	259
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
CAPÍTULO 26	274
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
CAPÍTULO 27	287
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
CAPÍTULO 28	296
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	308
ÍNDICE REMISSIVO	309

AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL

Janiara de Lima Medeiros

Universidade Federal Fluminense, UFF
Niterói, RJ

Fabio da Silva Pereira

Universo
Niterói, RJ

RESUMO: O presente trabalho objetiva apresentar as peculiaridades do ensino do idioma francês e suas repercussões político-militares. A educação militar brasileira, desde a era colonial, recebeu considerável influência da França nos aspectos culturais e técnicos, integrando os livros e manuais da grade curricular. A metodologia selecionada é a pesquisa exploratória, através da qual serão observados e analisados a influência da educação militar na formação da elite castrense, tendo como eixo transdisciplinar o uso do idioma francês. Para isso, faremos uma revisão histórico-educacional, onde os principais personagens e as instituições necessitam dos conhecimentos obtidos do ensino acadêmico-enciclopédico. Em consequência, seus resultados remontam um forte movimento progressista que abalará própria estrutura imperial brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Militar. Idioma francês. Influência histórico-cultural.

ABSTRACT: This paper aims to present the

peculiarities of French language teaching and its political-military repercussions. Since the colonial era, Brazilian military education has received considerable influence from France on cultural and technical aspects, integrating the books and manuals of the curriculum. The selected methodology is exploratory research, which will observe and analyze the influence of military education on the formation of the Castro elite, having as its transdisciplinary axis the use of the French language. For this, we will make a historical-educational review, where the main characters and institutions need the knowledge obtained from academic-encyclopedic teaching. As a result, its results trace back to a strong progressive movement that will shake Brazil's own imperial structure.

KEYWORDS: Military Education French Language. Historical and cultural influence.

INTRODUÇÃO

Para que francês!

A sobrinha dizia-lhe que era indispensável para conversar, para ir às lojas, para ler um romance... "Sempre fui feliz sem francês, respondia a velha [...]. " Nem por isso lhe hão de faltar noivos. [...] Que francês? Que piano? Bradou que não, ou então que deixasse de ser sua filha; podia ficar, tocar,

cantar, falar cabinda ou a língua do diabo que os levasse a todos. Palha é que a persuadiu finalmente; disse-lhe que, por mais supérfluas que lhe parecessem aquelas prendas, eram o mínimo dos adornos de uma educação de sala. [...] Em certas ruas Maria Benedita não perdia tempo: lia as tabuletas francesas, e perguntava pelos substantivos novos que a prima, algumas vezes, não sabia dizer o que eram, tão estritamente adequado era o seu vocabulário às coisas do vestido, da sala e do galanteio.

(Quincas Borba, 1994)

Como a expressão de um período histórico, Machado de Assis, através do romance, narra a história do personagem Quincas Borba desde a sua queda (como homem abastado) a mendigo. Ao receber uma boa herança, o personagem enriquece-se e cria a filosofia humanista cuja abordagem se dá semelhantemente à teoria de Charles Darwin (1842 - 1844) sobre seleção natural.

O interessante é que nesta obra machadiana, através da paródia, as mudanças ocorridas no século XIX são contadas. Logo, com o humanismo positivista ocorre a afirmação do ser humano negando a teologia, antes reconhecida como objeto central da humanidade.

Por meio do movimento filosófico e artístico, o Humanismo repousa em torno dos valores morais, religiosos e científicos e, em paralelo ao Iluminismo, estes movimentos partem da Europa dos séculos XIV e XVIII numa visão racional das coisas na qual os intelectuais estabeleciam ideais à ordenação do projeto de sociedade que se despertava.

Toda esta influência histórica e cultural, que incluiu da linguagem e os idiomas, atravessa o oceano atlântico e chega em terras brasileiras.

O "SÉCULO DAS LUZES" E A SUA INFLUÊNCIA NO BRASIL

O idioma francês apresentou as suas contribuições no mundo e no Brasil por diversos meios na nossa história: por meio das interações entre os corsários (os destaques de cunho histórico são a fundação da Colônia França Antártica no Rio de Janeiro (século XVI); A invasão do Maranhão e a fundação da França Equinocial (séculos XVI e XVII); e as invasões de 1710 e 1711 no Rio de Janeiro) e os indígenas; através da comercialização e pelas tentativas de formar uma sede colonial ao sul da linha do Equador; como também por meio da influência cultural desempenhada pelos pensadores iluministas, cujo papel serviu de inspiração para as ideias ilustradas dos letrados formados em Coimbra.

Apostando no avanço do espírito humano e do conhecimento, no progresso dos povos e na caminhada do gênero humano rumo a um indefectível percurso de aprimoramento - a que chamava perfectibilidade -, o Iluminismo foi também um movimento de fé: fé na razão, no futuro, na flecha de um tempo, no comércio entre os homens e, finalmente, fé na educação (BOTO, 2011, p. 110).

Como, por exemplo, destacam-se o Marquês de Pombal (Sebastião José

Carvalho e Melo. 1699 - 1782) foi o responsável por introduzir medidas do Reformismo Ilustrado (uma espécie de despotismo esclarecido inspirado nos ideais iluministas) na Colônia.



Imagem 1: Marquês de Pombal

Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/marques-de-pombal-o-impiedoso.phtml>, Acesso: julho de 2019.

As medidas do Reformismo introduzidas por Marquês de Pombal tiveram como consequências a derrocada parcial do Padroado Régio e a centralização administrativa por meio de representantes diretos do rei (sem o intermédio da Igreja Católica) e Gomes Freire de Andrada (o Conde de Bobadela: Gomes Freire (1685 - 1763) foi um dos responsáveis por transferir a capital da Colônia de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763 - ano de sua morte. Um dos motivos para a transferência foi a proximidade com a rota do ouro e dos diamantes das Minas Gerais e pela segurança daqueles portos. Na sua exposição de motivos, o destaque caiu na invasão francesa de 1711, onde um corsário francês, aproveitando o nevoeiro característico da entrada da Baía de Guanabara, aportou sem ser incomodado e saqueou o Rio de Janeiro durante semanas, apoderando-se de todo o ouro reunido naquela cidade). De acordo com SEREZA, H. C e MONTELEONE, J (2017), na matéria Marquês de Pombal: o impiedoso. Portugal e Brasil nunca mais foram os mesmos depois do governo do marquês (entre 1750 e 1777), disponível na revista eletrônica Uol *Aventuras na História*:

A figura do marquês entrou de modo ambíguo nos livros de história. Ora retratado como déspota esclarecido, ora como ditador sanguinário, muitos foram os adjetivos usados para descrever o poderoso ministro, que comandou Portugal durante o reinado de José I. Ninguém questiona, entretanto, o fato de que Pombal tornou-se um marco na história do império português - que, na época, incluía o Brasil. Nascido em 1699, Carvalho e Melo não deu mostras na juventude de que seria um grande líder. Por influência de seu tio Paulo de Carvalho, que dava aula na Universidade de Coimbra, ele conseguiu se matricular naquela instituição. Mas logo abandonou os estudos para entrar no exército, onde não conseguiu passar do posto de cabo. Desiludido, decidiu estudar Direito e História - o que lhe rendeu, aos 34 anos, um posto na *Academia Real da História*.

Evidenciou-se neste período pombalino a tentativa de compilar os principais saberes por Diderot e D'Alembert serviu de inspiração para a consulta dos saberes científico-filosóficos através da Enciclopédia. Esse modelo de compartilhamento de informações foi o norte de educadores para os séculos seguintes. Dessa maneira, historicamente identifica-se que institucionalização do idioma francês desde o final do século XVIII e ao longo do século XIX, a partir da chegada da família real ao Brasil, germinou conhecimentos preliminares da língua românica que contribuíram para comunicação nas quatro habilidades linguísticas - a expressão oral, a capacidade leitora, a expressão escrita e a compreensão auditiva.

A origem e o desenvolvimento histórico da educação pública no Brasil são estritamente ligados às ações reformistas empreendidas pelo Marquês de Pombal.

Sob a influência do "Século das luzes" é notável a articulação curricular sob a inspiração do Humanismo, em que o científico e tecnológico fundamentavam historicamente o papel da França na divulgação e no desenvolvimento dos ideais de modernidade proclamados pelo Iluminismo. Este fenômeno cultural influenciou significativamente a vida política e a vida intelectual dos países ocidentais.

[...] uma preferência por modelos franceses em todas as esferas da vida brasileira vinha crescendo constantemente desde fins do século XVIII. A teoria e a prática políticas eram dominadas por influências francesas: a arte estava sendo confiada deliberadamente a professores franceses (especialmente aqueles ligados à missão artística de 1816); a literatura brasileira era quase inteiramente inspirada na francesa; mesmo os costumes sociais extremamente conservadores do país estavam sendo lentamente transformados pela admissão generalizada de que a França era a única nação civilizada no mundo ocidental (HALLEWELL, 2005, p. 146).

O uso da língua francesa tornou-se regra nas cortes europeias que se identificavam ao desejo da aristocracia intelectual: "[...] delicadeza, a cortesia, a cultura, a alegria de viver", como representação dos anseios de progresso (HAZARD, 1971, p. 53). Desta forma, para que se tivesse acesso aos códigos de progresso, da civilidade, a língua francesa, segundo Hazard (1971), assumia o status de língua universal.

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO IDIOMA FRANCÊS NO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A institucionalização da língua francesa como matéria de ensino tem as suas origens com a vinda da família real, em 1808, desde a criação da escola de Medicina de Salvador (um dos primeiros atos administrativos do Príncipe Regente em solo brasileiro) até a fundação do Colégio de Pedro II, a primeira instituição de instrução secundária do país, em 1837. Diante do fato, comporta, cronologicamente, o governo joanino e do seu filho e sucessor, D. Pedro I, bem como o período regencial, estendendo-se até o ano em que foi criado o Colégio de Pedro II e instituída a

Instrução Secundária no país.

Tendo como projeto educacional do século XIX, os portugueses estabeleceram uma metodologia instrucional que tinha como base a finalidade dos servos para servirem aos objetivos do soberano. Essa proposta ecoou no Brasil quando da chegada do príncipe regente, futuro rei D. João VI, e de sua corte para a cidade do Rio de Janeiro.



Imagem 2: Vinda do idioma Francês para o Brasil

Fonte: <https://sites.google.com/site/webquestfamiliarealportuguesa/tarefa>, acesso em 02 de agosto de 2019

A língua francesa, no século XIX, tem uma finalidade eminentemente instrumental, uma vez que seu estudo se justifica como instrumento de acesso a um conhecimento observado então como "*científico*", e que era professado, às vezes por Lentes (professores reconhecidos por seu notório saber) estrangeiras e quase sempre por Compêndios enciclopédicos escritos em língua francesa, nas escolas militares, nos cursos médico-cirúrgicos, desde as aulas de comércio e agricultura até depois nos cursos na área jurídica, centros formadores da sociedade civil, sendo um relativo indicador de exclusão das elites acadêmicas e sociais para quem não era adepto do idioma que significava um indicador de civilização à época.

Favorecida por seu status de língua universal, adquirido pela legitimidade europeia quanto ao progresso e a civilidade, a língua francesa, cruza o Atlântico. Ao transcorrer este caminho marítimo, traz com a corte portuguesa, seus valores culturais franceses e passam a fazer parte também da vida brasileira.

A influência destes códigos linguísticos que representavam tamanho valor e soberania ainda encontra-se presente na vida moderna no que refere-se a manutenção de determinados direitos civis e políticos, a igualdade diante da lei, a liberdade de expressão e do pensamento.

Assim, em 1810, no Brasil, quando foi criada pela Carta de Lei de 04 de dezembro a Academia Militar do Rio de Janeiro, os estatutos previam a nomeação de professores de línguas vivas, os quais deveriam dominar, ou pelo menos saber

ensinar, no mínimo, três línguas - francês, inglês e alemão.

HISTÓRIA DO ENSINO DE IDIOMAS FRANCÊS NO BRASIL

A história do ensino das línguas estrangeiras (LE) no nosso país mostra que houve muitos outros documentos que trouxeram mudanças à estruturação do ensino de línguas. No sítio eletrônico da Revista HELB - História do Ensino de Línguas no Brasil - há uma linha do tempo, onde verificamos que o início oficial do ensino de línguas estrangeiras no Brasil ocorreu em 1855, conforme apresentado na imagem a seguir:

Anos	Reformas	Por anos de estudo							
		Línguas Clássicas			Línguas Modernas				
		Latim	Grego	Total	Francês	Inglês	Alemão	Italiano	Total
1855	Couto Ferraz	7	3	10	3	3	3	1F	9+1F
1857	Marquês de Olinda	7	2	9	3	4	2	1F	9+1F
1862	Sousa Ramos	7	2	9	3	4	2	2F	9+2F
1870	Paulino de Sousa	6	2	8	4	4	-	-	8
1876	Cunha Figueiredo	3	2	5	2	1	2F	-	3+2F
1878	Leôncio de Carvalho	3	2	5	2	2	2	-	6
1881	Homem de Melo	4	2	6	2	2	2	1F	6+1F
1890	Benjamin Constant	3	2	5	3	3Op		-	6
1892	Fernando Lobo	3	3	6	3	3	3	-	9
1900	Epitácio Pessoa	3	3	6	3	3	3	-	9
1911	Rivadavia Correa	2	1	3	3	3Op		-	6
1915	C. Maximiliano	3	-	3	3	3Op		-	6
1925	J. L. Alves-Rocha Vaz	4	-	4	3	3Op		1F	6+1F
1929	Alteração desta	4	-	4	3	3Op		1F	6+1F

(F = Facultativo; Op = Opção)

Imagem 3: linha do tempo do ensino de idiomas no Brasil.

Fonte: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/94-o-ensino-de-linguas-estrangeiras-no-brasil-periodo-de-1808-1930>, acesso em agosto de 2019.

Observa-se que ao longo da história da educação brasileira, o ensino de Língua Estrangeira também complementa a necessidade de formação da juventude conforme o planejamento de nação preestabelecido. Portanto, em meados do século XIX o ensino de idiomas organizou-se conforme segue na ilustração:

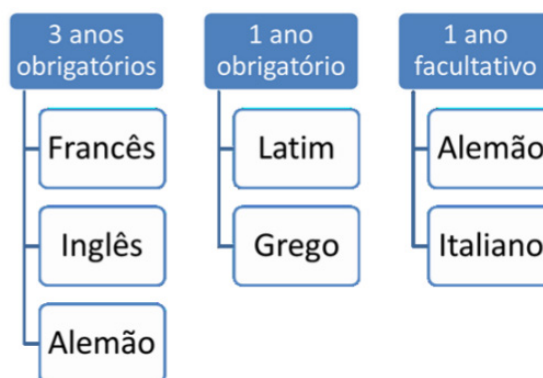


Imagem 4: história do ensino de línguas no Brasil.

Fonte: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/94-o-ensino-de-linguas-estrangeiras-no-brasil-periodo-de-1808-1930>, acesso em junho de 2018.

Vários debates político-pedagógicos marcam a configuração do currículo da educação escolar ocidental. Estas discussões que marcam o século XIX abordavam a valorização da cultura literária em superação à científica. O que, a partir do século XX reforça a difusão de conhecimentos que abrangessem a utilidade à vida em sociedade, incluindo educação moral e cívica, a partir da educação infantil.

O USO DO FRANCÊS NAS ESCOLAS MILITARES BRASILEIRAS.

Alguns anos antes da proposta da Aula de Fortificações no Brasil (1699, mas que em 1710 ainda não havia sido iniciada), dois professores haviam pedido Licença para a abertura de Aulas Públicas de Língua Francesa, tendo seus requerimentos aprovados com base em Provisões válidas pelo período de um ano. A primeira delas foi concedida "em utilidade do bem público" a Francisco José Luz, em 23 de julho de 1788. Já a segunda Provisão, concedida nos mesmos termos da primeira, foi passada a João José Tascio um ano depois, em 18 de março de 1789 (OLIVEIRA, 2006)

A partir da chegada da Família Real ao Brasil até a fundação do Colégio de Pedro II, a primeira instituição de instrução secundária do país, em 1837, foi germinada dos conhecimentos preliminares da língua românica que contribuíram para comunicação nas quatro habilidades linguísticas (compreensão auditiva, expressão oral, compreensão leitora e expressão escrita).

A primeira escola militar terrestre do país foi a "Casa do Trem" em 1811 (FARIA, 2015, p. 320). O local, onde atualmente é a sede do museu Histórico Nacional, foi provisório até a mudança para a Academia Militar, localizado no Largo de São Francisco (MOTTA, 1998, p. 21). Em paralelo ao seu currículo de até sete anos (MOTTA, 1998, p. 22-23) os livros e manuais eram, na sua maioria, escritos em idioma francês. Dessa forma:

As referências bibliográficas mais modernas estavam escritas em língua francesa, pois a França e os seus *philosophes* assumiram para a historiografia o papel de carro-chefe na divulgação e desenvolvimento dos ideais proclamados pelo Iluminismo. A aristocracia intelectual ocidentalizada desejava desta forma a “delicadeza, a cortesia, a cultura, a alegria de viver” francesas (HAZARD, 1971, p. 53).

Nesse período, foram promulgadas cartas de nomeação dos professores das Línguas Francesa e Inglesa. Com o salário de quatrocentos mil réis por ano, assim dispunha a Carta de nomeação do professor de Língua Francesa: "a língua francesa sendo a mais difundida e, por assim dizer, universal, a criação de uma cadeira dessa língua é muito necessária para o desenvolvimento e prosperidade da instrução pública" (ALMEIDA, 2000, p. 42).

Em paralelo, a Escola Militar de Aplicação, localizada na Praia Vermelha foi criada em 1855, com a finalidade de iniciar a formação dos oficiais, transferindo o ensino técnico militar (os cursos de engenharia e de artilharia) para a escola do Largo do São Francisco. "A oportunidade das duas “escolas” combaterem ombro a ombro e pôr à prova a sua eficiência logo surgiu, pois a década de 1850 iniciou com um conflito de grandes proporções na região platina.

Os alunos da Escola Militar de Aplicação eram matriculados no Largo de São Francisco e após seguiam para a Praia Vermelha. Os destinados para a infantaria e cavalaria frequentariam o 1º ano da Escola Militar e o 1º ano da Escola de Aplicações, já os de artilharia e engenharia cursavam ambas as escolas, durante os anos que eram previstos para sua formação, em uma, assimilando os conhecimentos teóricos e em outra, aplicando-os nos exercícios práticos.

Tropas brasileiras, sob o comando de Caxias, combateram na Banda Oriental (Uruguai) e nas Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina), foi a guerra contra Manuel Oribe e Juan Manuel de Rosas (1851-1852). Das experiências colhidas nos campos de batalha, dois testemunhos refletem a complexidade do ensino militar. Um militar alemão, que participava da guerra contra as províncias Unidas do Prata, relatou que “no Exército Brasileiro imperavam o despreparo técnico e a ausência de conhecimentos profissionais, com exceção do pequeno grupo de oficiais formados na Academia”. (MOTTA, 1998, 101). Como resultado, o Ministério da Guerra verificou a necessidade de mudanças:

O Ministro da Guerra, em sua fala, demonstrou preocupação com o currículo da Escola Militar que não oferecia condições ideais para a formação do profissional das armas. No entanto, por meio do olhar apurado de um europeu, acostumado a conflitos de grande envergadura, foi possível perceber que os oficiais “acadêmicos” possuíam características necessárias para o comando da guerra moderna, pois a batalha é apenas o final de toda organização que começa com a mobilização, deslocamento e concentração das tropas, que envolve problemas de planejamento, administração e logística, em que só a coragem não é suficiente (FARIA, 2015, p. 331).

Com a criação da Escola Politécnica em 1874, o ramo militar encerra as suas atividades no Largo do São Francisco, sendo transferido os cursos de artilharia e

de engenharia para a Escola Militar. Apesar das mudanças, os livros e conteúdos didáticos continuaram sendo predominantemente de origem francesa.

A influência dos movimentos nacionalistas na França também encontra ecos dentro da instituição castrense. Na Escola Militar com sede na Praia Vermelha, o período entre os anos de 1874 e 1889, destacou-se nesse aspecto em relação às décadas anteriores. A escola, seus professores e seus alunos foram grandemente influenciados por movimentos sociais, políticos e culturais que agitaram o país e o mundo, respectivamente. O ambiente de grande efervescência, sobretudo político, marcou o cenário brasileiro daqueles anos. Diferentemente das gerações anteriores ao conflito contra o Paraguai (1865-1870), docentes e discentes envolveram-se ativamente em importantes movimentos que contestaram a ordem social e política do império. Como desfecho satisfatório desses movimentos, a mentalidade política (protetora e salvacionista) permaneceu no ideário, principalmente dos alunos, com claro prejuízo para a formação militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inúmeros debates político-pedagógicos marcam a configuração do currículo da educação escolar ocidental. Estas discussões que marcam o século XIX abordavam a valorização da cultura literária em superação à científica. O que, a partir do século XX reforça a difusão de conhecimentos que abrangessem a utilidade à vida em sociedade, incluindo educação moral e cívica, a partir da educação infantil.

A institucionalização da língua francesa como matéria de ensino tem as suas origens com a vinda da família real, em 1808, desde a criação da escola de Medicina de Salvador (um dos primeiros atos administrativos do Príncipe Regente em solo brasileiro) até a fundação do Colégio de Pedro II, a primeira instituição de instrução secundária do país, em 1837.

As contribuições do idioma francês para a educação militar remontam da era colonial, com influências iluministas e seu pensamento voltado para as liberdades dentro de uma estrutura estatal mais autônoma em relação à Igreja. Como fundamentos, o ensino enciclopédico forneceu as bases para os pensadores de Coimbra fundamentar as bases brasileiras desde antes da vinda da Família Real.

A contratação de professores do idioma francês nas principais escolas no Brasil à época contribui para a visão de que os conhecimentos difundidos e compartilhados pela elite militar necessitavam de uma interlocução além da língua portuguesa. Falar, ler e escrever francês era também um instrumento de status e de poder, visto que os livros enciclopédicos e manuais técnicos possuíam longos trechos nesse idioma e, quem não dominava o francês não galgaria os postos ao longo da carreira, principalmente após a década de 1850.

Junto ao idioma francês, as influências histórico-culturais perpassaram os

muros das escolas militares, influenciando campanhas e um envolvimento maior dos militares na política. Fato este que contribuirá para a queda da monarquia nove anos depois do período contemplado por artigo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Historia da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. Tradução: Antonio Chizzotti. São Paulo: EDUC/INEP /Comped, 2000

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Obra Completa. vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Academia Militar das Agulhas Negras. **Currículo Escolar 2016**. Resende: AMAN, 2016.

BOTO, Carlota dos Reis. **Pombalismo e Escola de Estado na História da Educação Brasileira**. In: SAVIANI, Dermeval. Estado e Políticas Educacionais na História da Educação Brasileira. Vitória: EDUFES, 2011

CASTRO, C. **O espírito militar. um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FARIA, D. P. **Introdução à história militar brasileira/ - Resende**: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015, 392 p.

HAZARD, Paul. **Crise da consciência europeia**. Tradução: Oscar de Freitas Lopes. Lisboa: Cosmos, 1971

MEDEIROS, J. L. **Formação para o Trabalho x Formação para a Vida**: Do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

MOTTA, J. **Formação do Oficial do Exército**: currículos e regimes na Academia Militar, 1810-1944. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1998.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **A instituição do ensino das Línguas Vivas no Brasil: o caso da Língua Inglesa (1809-1890)**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC SP, 2006. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2255. Acesso em 3 Out. 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

H

Homogênea 96, 183

I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

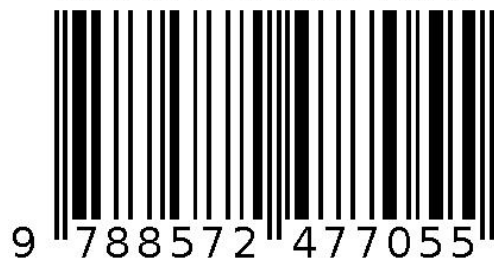
T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-705-5



9 788572 477055